

LITERATURA HELENÍSTICA COM ROUPAGEM JUDAICA: O CASO DA CARTA DE ARISTEAS A FILOCRATES

Otávio Zalewski¹

RESUMO

O artigo objetiva desenvolver algumas ideias sobre o papel da retórica, no documento atualmente conhecido como *Carta de Aristeas a Filócrates* e apresentar uma pequena análise interna do próprio.

Palavras-chave: retórica, Judaísmo, identidade.

ABSTRACT

The paper aims to develop some ideas about the role of rhetoric in the document now known as the Letter of Aristeas Filócrates and present a small internal review of its own.

Keywords: rethoric, Judaism, identity.

A *Carta de Aristeas a Filócrates*, cujo papel na defesa de uma nova identidade judaica foi de extrema importância dentro do contexto do Mundo Mediterrâneo, representou o poder das ferramentas literárias gregas dentro das diversas comunidades do período helenístico.

Dentro deste contexto, a retórica tratada é a retórica helenística, porque afirmo isso, pois é necessário partir do pressuposto da diversidade desta técnica. A retórica é anterior a sua história, ou a qualquer história, pois é inconcebível que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir. Encontramos retórica entre os chineses, os hindus, os egípcios e principalmente no que concerne a nossa pesquisa,

¹ Mestrando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela Professora Doutora Adriana Dias, tendo como título provisório da pesquisa em andamento *Diáspora Alexandrina e Jewishness: transculturação e defesa de identidade na Carta de Aristeas a Filócrates*.

os judeus. Apesar disso podemos dizer que o estudo da retórica como técnica surgiu entre os gregos.

Retórica, definida aqui como retórica no sentido clássico da arte de persuadir pelo discurso. Discurso definido por Oliver Reboul (2004:XIV): “*como toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e apresente uma unidade de sentido.*”

Não era uma novidade o uso da retórica em discursos judaicos, principalmente após o *Galut Babel*,² época do início do proselitismo e da admiração de certas parcelas das comunidades circundantes com a religião judaica. No intuito de alcançar este novo público pagão, o Judaísmo foi incorporando a retórica clássica como ferramenta de convencimento. Um modo mais prático da influência da retórica clássica no discurso judeu pode ser visto na necessidade de convencimento dos integrantes das diversas comunidades da diáspora a seguir a Lei, através da leitura de excertos dos livros sagrados e posterior interpretação. Esta ação mais tarde vai originar um método de estudo característico dentro das academias judaicas.³

A técnica (*tékhne*), retórica judia segundo George Kenedy se baseava na afirmação da autoridade, através da simples enunciação da verdade sem subterfúgio ou “argumentos sofisticos”. Conhecida através da revelação e de signos enviados por Deus, e não através da dialética e do esforço humano. (2003:170-171)

O que vem a ser este documento? Do que trata? Quem o escreveu? Dentre as várias fontes, diga-se de passagem raras, sobre as Leis judaicas, os contatos entre as comunidades judaica e a grega na época “helenística-romana” e até mesmo da prosa helenística da época, uma das mais importantes, interessantes e envolta em uma série de controvérsias é a atualmente conhecida como *Carta de Aristeeas a Filócrates*. Tudo sobre esta fonte esta envolta em amplas discussões, vista por uns como uma farsa, por outros como um relato fidedigno de sua época. Trataremos o documento como ele é,

² Exílio/Diáspora Babilônica.

³ Método denominado *pilpul*, tem por objetivo levar a uma compreensão clara do assunto, através de distinções claras e rígida diferenciação de conceitos.

uma fonte histórica fruto da complexidade da produção de um texto com o objetivo de convencer um público interessado.

Controversa até na sua própria denominação, o título visto no original é apenas *Aristeas a Filócrates*, mas não se sabe o porquê nunca foi utilizado pelos estudiosos desde a Antiguidade. Sabe-se que a atual denominação foi dada por um monge em um manuscrito do século XIV em Paris, de nome Q.⁴ (JELLICOE, 1993:30) Antes do século XV, possuiu diversos títulos, dependendo do autor que o citava. Flávio Josefo⁵ usa o título *Livro de Aristaios* em sua obra *Antiguidades Judaicas*, onde o parafraseia quase inteiro. Epifanio⁶ em *Pesos e Medidas* o denomina uma *syntagma*⁷, enquanto Eusébio de Cesarea⁸ o intitula *Sobre a Interpretação (Tradução) da Lei dos Judeus* em seu *Preparatio Evangélica IX, 38*. Nesta apresentação utilizaremos a denominação moderna por ser mais corrente no meio acadêmico.

Ele chega até nós pelas mãos cristãs, interessados pelo seu conteúdo o considerando um relato fidedigno do caráter sagrado da tradução da *Torá* para o grego *koiné*. Geralmente a figuravam como anexos nas cópias das Bíblias cristãs, mas com o advento da imprensa são incorporadas em suas introduções.

Atualmente sobrevivem apenas vinte e três manuscritos gregos com datação definida a partir do século XI. Mas, além destes manuscritos temos contato com o documento através de diversas citações de autores da Antiguidade, que tiveram acesso a obra. Além dos três autores já mencionados podemos citar Filon de

⁴ Este manuscrito compreende uma coleção “de fragmentos que inclui seções longas e curtas de Aristeas” e quando aparece sua denominação ela é *Aristeas a Filocrates*. (JELLICOE, 1993:30).

⁵ Historiador judeu (37 E.C. a 100 E.C.), testemunha ocular da mais conhecida revolta dos judeus contra os romanos em 70 E.C.. Uma das únicas fontes judaicas da época, fora do círculo religioso.

⁶ Bispo da cidade de Salamina no final do século IV E.C.. Sua importância se dá pela citação de vários autores de obras perdidas.

⁷*Syntagma*, visto aqui como uma composição literária helenística.

⁸ Bispo de Cesarea, cidade pertencente a antiga Palestina, nascido em 265 E.C.. Em suas obras relata a história do Cristianismo.

Alexandria⁹ (*Vita Mosis II,40*), Agostinho¹⁰ (*Cidade de Deus*), Jerônimo¹¹ em seu prefácio para o Pentateuco, Irineu¹² (*Contra as Heresias*) e Justino Mártir¹³ (*Apologia*).

Outro ponto importante de debates acalorados entre os diversos estudiosos da *Carta de Aristeas* é a questão da autoria, e também muito pertinente no que se diz respeito a retórica. Isto se dá pela legitimação do discurso dado pela importância do autor. Pode-se entender melhor as discussões sobre autoria, através da ideia desenvolvida por Michel Foucault em seu livro *O Que é um Autor?*. Esta ideia se centra na significação do nome do autor. A indicação da autoria, através do nome do autor, tem outras funções além das indicadoras. É mais do que uma indicação, um gesto; em certa medida é o equivalente a uma descrição. Necessário salientar a diferença do nome do autor e dos outros nomes próprios. A importância de nomear o autor se dá, na medida da sua capacidade de reagrupar um certo número de textos, confrontando-os com outros. É um elemento indispensável do discurso. (1992: p.42)

Durante muito tempo acreditou ser verdadeira a dita autoria do documento. O autor se denomina Aristeas, um pagão e funcionário da corte de Ptolomeu II Filadelfo. Afirma isto mais claramente em duas passagens:

“[16] Para o Deus que vê e cria todas as coisas cujo eles (judeus) adoram, bem como todos os homens, e nós também, oh rei, apesar de nós tratarmos ele por outros nomes como Zeus e Dis.

[40] Estou enviando Andreas, o chefe de minha guarda pessoal e Aristeas, homens cujo tenho em grande estima (...)”¹⁴

⁹ Escritor judeu de Alexandria(10 a.E.C – 50 E.C.), um dos primeiros a mesclar as duas culturas dominantes do Mediterrâneo, a judia e a grega.

¹⁰ Conhecido também como Santo Agostinho de Hipona, nascido em 354 E.C.. Grande escritor do Cristianismo, autor de obras como *Cidade de Deus* e *Confissões*..

¹¹ Mais conhecido como São Jerônimo (347 E.C) responsável pela tradução da Bíblia do hebraico e do grego para o latim. Tradução chamada por *Vulgata*.

¹² Autor cristão nascido em 130 E.C., conhecido pelos seus escritos contra o gnosticismo e as heresias, todos em grego.

¹³ Teólogo cristão, um dos únicos nascidos na Samaria em 100 E.C., conhecido por suas duas Apologias em defesa do Cristianismo. Sua importância se dá pelo uso da filosofia grega junto com a cultura judaica na formação do Cristianismo.

¹⁴ Tradução livre feita do inglês da obra de Moses Hadas, *Aristeas to Philocrates*. Oregon:Wipf & Stock Publishers, 2007. Utilizada também a tradução inglesa de H. St. J. Thackeray, *The Letter of Aristeas*. Oregon: Wipf & Stock,2003 e a de R. H. Charles. *The Letter of Aristeas*. Oxford: Claredon Press, 1913,

Atualmente através da análise interna do documento se pode ter certeza que era um judeu, pois o documento possui várias reminiscências da *Septuaginta* (96 – 99)¹⁵, como a descrição das vestes do Sumo Sacerdote, encontrada em Êxodos 28-29, fato dificilmente conhecido por algum grego da época. Além disso, era provavelmente um fariseu¹⁶, ou um simpatizante das idéias farisaicas, como podemos ver pela sua visão da cultura judaica em diversas partes do documento, principalmente na explicação de conceitos chave como pureza e impureza.

Mas o fato de ser um funcionário de corte não se pode afirmar ao contrário, pois o acesso a documentos da corte ptolomaica era restrito na época. A observação nos leva a afirmar que Alexandria foi o local da produção da *Carta de Aristeas*, mas seria inconseqüente basear a afirmação apenas em uma informação fugaz. O autor escreve embebido na ideologia real Ptolomaica, utilizando termos pertinentes apenas a ações realizadas na Biblioteca de Alexandria.

Outro ponto de discórdia é a datação, sem um consenso. Mas, sabe-se que o autor não foi testemunha ocular dos eventos como declara já na primeira frase do documento: “[1] *Visto como uma narração (diegesis¹⁷) da nossa embaixada a Eleazar, o Sumo Sacerdote dos Judeus.*”

Podemos fazer esta afirmação, pois o autor utiliza uma expressão que só poderia ser usada muito tempo mais tarde. A expressão é “estes reis” (*tois basileusi*

disponível em <http://www.ccel.org/c/charles/otpseudepig/aris>. Usada também como ferramenta auxiliar os excertos do documento em espanhol de Jaime Pòrtulas. *La Carta de Aristeas a Filocrates*. In: *Revista de Historia de La Traducción*. Barcelona, 2007. Disponível em <http://www.traduccionliteraria.org/1611/esc/bit> Usado também o original grego, disponível no livro de Moses Hadas anteriormente citado.

¹⁵ “[96] Quando vimos Eleazar no curso de seu ministério, com seus trajes, e o brilho emprestado pelo casaco com qual está, folhado com pedras preciosas (...)”

¹⁶ Os fariseus eram mais um grupo político-religioso abundante no período helenístico em Israel. eles defendiam o uso da Lei Oral e da Lei escrita no Judaísmo.

¹⁷ Segundo James Pòrtulas consiste “[...] em um tipo de narrativa conhecida na retórica clássica e definido por Cícero como uma narração de acontecimentos, ou de coisas que poderiam ocorrer, ou a apresentação de uma história idealizada com uma moral no final.” (2007, p.3) Moses Hadas define como um termo técnico para uma narrativa literária em prosa. (2007, 92)

toutois) no capítulo 28¹⁸, colocando a produção do documento a partir do reinado de Ptolomeu III (246-222 a.E.C.). O autor apresenta fatos anacrônicos como, por exemplo, a colocação de Demétrius de Falerum no cargo de diretor da Biblioteca de Alexandria, quando se sabe do exílio imposto a ele por Ptolomeu II Filadelfo após sua ascensão ao trono, pois Demétrius era seu notório opositor.

Escolhemos para a datação um período de tempo relativamente longo, o início do reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285 E.C.) e finalizando em 70 E.C., pelo contexto possibilitar a produção de um tipo de documento como este, inviável após a grande revolta contra os romanos.

O documento tinha como finalidade aparente narrar a embaixada empreendida pelo autor à Jerusalém com o intuito de trazer para a biblioteca de Alexandria um manuscrito confiável das Leis dos judeus e juntamente alguns estudiosos versados nas próprias e em grego afim de traduzi-las. A narração também envolveria os trâmites da tradução e seria endereçado ao seu irmão Filócrates, cuja “*paixão natural em aprender*” era sua principal qualidade. O problema é a pequena parte da *Carta de Aristetas* ocupada por estes assuntos, somente 50 capítulos dos 322 (9-11; 28-50; 121; 172-173; 301-316)¹⁹ e especificamente sobre a ação da tradução apenas um (302)²⁰. Outro objetivo correlato é o de reconhecer a tradução da *Septuaginta* como sendo a mais confiável frente a uma série de outras revisões circulantes na época da confecção da *Carta* (aqui também vemos a importância do uso da retórica – resposta a outros

¹⁸ “[28] Estes reis (*tois basileusi toutois*) usavam para administrar todos seus negócios (...)”

¹⁹ “[9] Demetrius de Faleron, como diretor da biblioteca real, recebeu grandes somas de dinheiro público, com o objetivo de coletar se possível todos os livros do mundo (...)”

“[28] Para o grande rei, de Demétrius – em obediência a sua ordem, Oh Rei, que os livros necessários para completar a biblioteca poderiam ser adicionados a coleção, sendo aqueles defeituosos podendo ser reparados (...)”

“[121] Eleazar então selecionou os melhores homens, os de alta cultura e erudição excelente (...)”

“[172] E assim Eleazar depois de ter oferecido sacrifícios, ter escolhido os homens e preparado muitos presentes para o rei, nos enviou com grande segurança (...)”

“[301] Depois de três dias, Demétrius levou os homens, atravessando o quebra-mar (..) para a ilha. (...)”

²⁰ “[302] Assim procederam, fazendo todos os detalhes se harmonizarem através de mútuas comparações (...)”

discursos). Para ilustrar vemos na parte final a descrição de uma cerimônia onde participam o rei, toda a corte, os tradutores e a comunidade judaica de Alexandria com a finalidade de aceitar a tradução como escritura sagrada. O autor descreve esta cerimônia em uma clara relação com o recebimento da Lei por Moisés no Monte Sinai.²¹

Mas, na verdade apresenta como objetivo mais importante fazer uma Apologia das Leis dos Judeus e da sua cultura. Mas, além disso ela tinha uma finalidade didática, graças ao grau de ignorância sobre as Leis na comunidade de Alexandria. Segundo Marta Alesso, a maioria de seus componentes não falava mais o hebraico, não podendo mais seguir os serviços religiosos com plenitude, só teriam acesso a elas graças ao intermédio dos líderes religiosos. (apud SAEZ, 2002:41) Esta finalidade didática também esperava alcançar os gregos, pois eram apresentadas em uma forma filosófica e racional. Lendo com atenção esta parte do documento, poderemos ser levados a crer que a *Torá* seria a única fonte da ciência da época. No que concerne a nossa pesquisa, esta apologia serve como tentativa de convencer seu público alvo da necessidade de uma nova identidade judaica, com o intuito de uma melhor integração dos judeus na comunidade circundante.

A dita integração é mostrada através dos estudos alegóricos apresentados pela Apologia, determinando uma compreensão racional das Leis seguindo uma linha metafórica. Um exemplo desta linha metafórica pode ser vista no caso da impureza da doninha e a relação com o que o homem ouve e passa para os outros: “ [165] A raça das doninhas é peculiar, além da propensão mencionada, tem uma característica profanadora: concebem através dos ouvidos e dão a luz através da boca”. Há uma clara relação com exemplos dados por Aristóteles em Retórica, quando utiliza ratos como símbolo de nobreza pelo domínio de mistérios.

Pode-se listar uma série de objetivos secundários necessários usados como ferramenta para o alcance deste dito convencimento. Um deles era demonstrar a

²¹ Temos certeza da efetividade deste objetivo, pois Fílon de Alexandria relaciona os tradutores com os profetas bíblicos, revelando o caráter sagrado desta versão. (HUPPING, 2008)

importância da comunidade judaica alexandrina dentro da *polis*, mais tarde *urbe*. Importância esta mostrada pelo interesse do rei em não medir esforços para a tradução da *Torá*, libertando os escravos feitos por seu pai Ptolomeu I, enviando uma série de presentes para o Sumo Sacerdote e o Templo, mas principalmente pelo valor dado a sabedoria dos anciãos judeus demonstrado nos debates filosóficos ocorridos nos banquetes.

O relato do banquete ocupa a maior parte da *Carta*, e é o momento crucial da narrativa, tendo o autor dado uma atenção maior em seu desenvolvimento. Através das perguntas feitas pelo rei, os sábios anciões respondem destacando as virtudes cardiais para o ser humano defendidas pela religião dos judeus, ou seja, amor, justiça, temperança, benevolência e caridade. Mas, em suas respostas também há claras influências gregas, tanto do estoicismo (211;213)²² como dos ensinamentos de Sêneca, como nos mostra Alejandro Diaz Macho, quando apresenta o exemplo da dissertação sobre o amor, sobretudo o amor ao inimigo como meio de obter proveito próprio, maior estima e tranqüilidade intelectual (207;225;227;232)²³. (1982:178) Como no caso da Apologia, os banquetes servem para mostrar certo tipo de integração entre as duas culturas.

Durante muito tempo não havia dúvida sobre o gênero literário a que o documento pertencia. Era posição corrente pertencer ao gênero epistolar²⁴, mas com os atuais estudos não se tem mais esta certeza. Defendia-se o gênero epistolar pela destinação a uma pessoa, mas sabe-se que na época era comum destinar alguma obra a uma pessoa importante ou mecenas. Um problema também é a extensão, só há um exemplo de uma carta tão longa, a *Carta de Alexandre para Aristóteles sobre a Índia*.

²² [211] (...) Qual é a essência da realeza? Ele replicou: 'Governar-se bem e não ser pela riqueza, pela fama imoderada, por desejos inadequados, sendo este o verdadeiro caminho da razão. Pois tudo que realmente precisa tens (...) não desejando muitas coisas, mas somente aquelas necessárias para governar.'

²³ "[207] (...) Qual é o ensinamento da sabedoria? E o outro replicou: Como desejas que nenhum mal te sucedas, (...) assim agirás com os mesmos princípios sobre os seus súditos e para com os transgressores, e repreenderá levemente os nobres e bons. Pois Deus atrai para si todos homens pela sua benignidade."

²⁴ Gênero literário cujos textos são apresentados em forma de carta dirigido a um público amplo, cujos temas variam de experiências pessoais a problemas filosóficos.

Mas até ela é uma *diegesis* em forma epistolar. (HONIGMAN, 2003:1) Mas, ainda há defensores desta hipótese como Abraham e David J. Wasserstein, afirmando que apesar do autor na frase inicial da *Carta de Aristeas* referir-se ao seu relato ser uma *diegesis*, as palavras iniciais e todo teor da fraseologia concordam com o padrão epistolar. (2006:23) Alejandro Diez Macho considera o documento como uma obra narrativa grega na forma epistolar. (2003:10)

Outro gênero literário considerado preponderante era a *pseudopigrafia*, segundo L. Rost eram os escritos cujo autor atribuía sua própria produção à pessoas importantes do passado, geralmente judaicos, e destinados a alguns grupos. (1980, p.23-27) Em seu sentido lato, incluem todos os escritos não canônicos situados entre 200 a.E.C. e 100 E.C.. Geralmente tinham como temas tratados filosóficos e morais, escritos religiosos e até relatos de viagens.

O autor usa uma mescla de gêneros e modelos literários gregos, fato causador durante muito tempo de confusão. O problema era a visão da obra fora do contexto literário helenístico de Alexandria, a maioria dos estudiosos tratavam apenas como uma obra judia. Este modo de ver limitava muito a interpretação, pois consideravam a literatura judaica como isenta de influências gregas, ao contrário do que Moses Hadas já afirmava na década de 50 do século XX o trabalho ser um livro grego, mas de temática judaica. (1951:56)

Analisando a literatura helenística da época, veremos o enquadramento perfeito do documento em seu contexto. Diferentemente do gosto literário grego das épocas anteriores, não havia fronteiras entre estilos literários, aliás era perfeitamente normal atravessar as fronteiras, misturar. Segundo L. E. Rossi, o período helenístico era um tempo de “*escritos e regras não respeitadas*”. (apud HONIGMAN, 2003:15) Um autor era reconhecido pela qualidade do poder de mistura (*poikilia*²⁵) empreendido, fator pelo qual quase nenhuma obra da época sobreviveu, pois os romanos apenas admiravam o padrão clássico. Outra característica da obra é a denominada *ring composition*, considerada a forma mais antiga de narração, derivada da tradição oral,

²⁵ *Poikilia* vista como variação estilística e temática.

consistindo em narrar de forma retilínea, mas de vez em quando intercalar excursos, saindo temporariamente do tema principal para logo voltar, simulando um anel.

Outro instrumento útil na caracterização da *Carta de Aristeas* como uma obra da literatura helenística é a análise da estrutura e da linguagem. A primeira sentença é de uso clássico em diversas obras da época analisada: “o verbo principal expressando a decisão do autor em uma forma convencionalmente modesta rodeada de orações subordinadas.” (ALEXANDER:2005:155) A *Carta de Aristeas* foi escrita em um *koiné* de boa qualidade, mostrando ter uma cultura refinada e conhecedor das composições helenísticas.

Vendo o documento com a finalidade de convencimento, podemos considerá-lo como um trabalho de retórica, onde alguns dos gêneros e modelos literários eram usados como exercícios apresentados nos cadernos de técnica retórica clássica (*progymnasmata*). A *Carta* é formada por quatro digressões, duas delas consideradas *progymnasmata*: a primeira é a descrição dos presentes enviados para o Sumo Sacerdote e ao Templo por Ptolomeu II (51b – 83a)²⁶, considerada uma *eckphrasis*²⁷; a segunda é a Apologia da Lei feita pelo Sumo Sacerdote Eleazar (128 - 171)²⁸, aceita como uma *chreia*²⁹, igual as homilias dos cínicos e estóicos (HADAS, 2007:50). As outras duas digressões não são *progymnasmata*, mas foram usados como ferramentas retóricas, sendo muito comuns no período helenístico. A terceira digressão é a Jornada para Jerusalém fazendo uma descrição vívida da região (83b – 120)³⁰, denominada uma Utopia geográfica e um guia de viagem helenístico.

²⁶ “[51] Agora darei uma descrição detalhada dos trabalhos de arte, como eu prometi. (...)”

²⁷ Segundo Diana Frenkel é “qualquer tipo de descrição que tenha a capacidade de por objeto descrito diante dos olhos do receptor.” (2005:1)

²⁸ “[128] (...) acredito que a maioria dos homens sente curiosidade sobre as passagens da Lei que tratam das comidas, das bebidas e animais considerados impuros (...)”

²⁹ É uma reminiscência breve se referindo a alguma pessoa de uma forma vigorosa para fins de edificação. Ele toma a forma de uma frase, uma ação edificante, ou ambos. Disponível em <http://rhetoric.byu.edu/pedagogy/progymnasmate/chreia.htm>.

³⁰ “[83] (...) a cidade situava-se no centro de toda a Judéia sobre uma montanha (...)”

A última digressão abrange a maior parte do documento (187 -300)³¹, com certeza é a melhor desenvolvida, através do gênero conhecido como *symposium*³². As discussões filosóficas são apresentadas como uma série de perguntas apresentadas pelo rei aos anciãos judeus e suas respectivas respostas, cada uma representando uma pequena *chreia*. Dentro desta forma toda particular de *symposium*, a mistura entre filosofia grega - através de um tratado sobre a realeza - e cultura judaica, através do uso do conceito do Deus da religião judaica é particular e pode ser inserido dentro das tradições *deipnosofistas*, cujo Atheneo de Naucrátis desenvolve em obra homônima. Um aspecto elogiável do *symposium* é o caráter de transferência e transmissão seja de memória, de identidade ou de todo um saber que funciona simbolicamente dentro do inconsciente coletivo. Algumas respostas dadas pelos anciões não correspondem totalmente com as perguntas feitas pelo rei, levando a crer no uso do autor de aforismos comuns a diversos trabalhos de retórica.

Além das digressões o autor apresenta outros pequenos *progmnasmata*, como a inserção de documentos oficiais ao longo da obra. Documentos como o Édito Real (22 – 25)³³; o registro administrativo (28 – 34)³⁴; a troca de correspondências entre o rei e o sumo sacerdote judeu (34 – 40; 41 – 51)³⁵ e a lista dos setenta e dois tradutores judeus (47 – 50)³⁶, podem ser considerados exemplo de *poikilia*. (HONIGMAN, 2003:17-18)

³¹ “[187] (...) o rei perguntou ao homem que ocupava o primeiro lugar da mesa (suas posições na mesa foram arranjadas de acordo com a idade): como ele pode preservar seu reinado intacto até o final?”

³² Gênero literário grego baseado em discussões filosóficas ocorridas em banquetes cujos participantes eram indivíduos importantes.

³³ “[22] Todas as pessoas que tomaram partido de nosso pai contra as regiões da Síria, Fenícia e na invasão da terra dos judeus, trouxeram escravos judeus (...)”

³⁴ “[29] Para o grande rei, de Demetrio: (...) para a conclusão da coleção de livros da biblioteca (...)”

³⁵ “[35] Do rei Ptolomeu a Eleazar o Sumo Sacerdote, saudações e boa saúde (...)”

“[41] Para esta carta Eleazar respondeu tão bem como poderia ser (...)”

³⁶ “[47] Seus nomes eram: da primeira tribo, José Ezequias, Zacarias, João, Ezequias, Elias (...)”

Um exemplo de *progmnasmata* também a ser citado é a comparação (*synkrisis*³⁷) feita entre Jerusalém e Alexandria (107 – 111³⁸). Também utilizada é a paráfrase, quando é feita a descrição das vestes sacerdotais. O autor parafraseia esta descrição de Êxodos 28-29, da *Septuaginta*.

Por último, mas não menos importante vemos a questão do público alvo, lembrando ser inverossímil ser o irmão do narrador o único destinatário. Sabemos da dificuldade da circulação massiva de textos judeus, seja pela dificuldade de integração da alguns autores a comunidade circundante ou pelo próprio desinteresse dos gregos e romanos. Mas, este estado de coisas variava de acordo com cada comunidade, um exemplo é o autor do documento, bem como Aristóbulo estarem integrados aos círculos literários alexandrinos.

Alguns autores, como Loveday Alexander, afirmam ser impossível determinar a audiência do documento, se eram gregos, judeus, romanos, ou uma combinação de todos. (2005:155). Já Sylvie Honigman conclui de maneira peremptória o caráter judeu elitista da audiência, graças aos termos e ao estilo usado no documento. (2003:11) Alejandro Diez Macho sustenta serem os destinatários do documento o grupo de judeus helenizados responsáveis pela depreciação das Leis e costumes judaicos. (1982:177)

Consideramos a audiência do documento não sendo apenas uma elite judaica, grega e romana, mas sim também os judeus das diversas camadas sociais, graças aos comentários nas academias rabínicas. Dentro do próprio documento podemos ter um breve retrato da afirmação, quando Ptolomeu chama os líderes judeus e “toda” a comunidade judaica de Alexandria. (308, 310)³⁹

³⁷ Visto como uma comparação e contraste entre disposições paralelas. Instrumento retórico que enfatiza a comparação de opostos. Disponível em <http://rhetoric.byu.edu/figures/S/synkrisis.htm>.

³⁸ “[107] Não sem razão, os fundadores originais construíram sua cidade em proporções convenientes, com sábio discernimento (...)”

³⁹ “[308] E quando o trabalho acabou, Demétrio reuniu o povo judeu sobre o local onde a tradução foi feita e leu para o conjunto da Assembléia na presença dos tradutores (...)”

“[310] Depois da leitura dos rolos, os sacerdotes, os anciões tradutores, alguns membros da comunidade judaica (...)”

Outro fator importante para vermos o uso da retórica no documento é o contexto cultural do mediterrâneo, onde a cultura grega e judaica estavam em constante confronto. Exemplo disso é a representação dos judeus na literatura judaica. Exemplos de autores não faltam, podendo ser citados Maneton⁴⁰, Hecateu de Abdera⁴¹, Apolônio Molon⁴², Diodoro Sículo⁴³. Todos eles impingindo uma série de argumentos, demonstrando a falta de profundidade da religião e cultura judaica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____ *The Letter of Aristeas to Philocrates* – acessado em 20/07/2008 – Disponível em <http://www.ccel.org/c/charles/otpseudepig/aristeas.htm>

ALESSO, Marta. *La Carta de Aristeas*. In: SAEZ, Carlos & CASTILLO, Gomes. *La Correspondencia em la Historia: Modelos y Prácticas de Escritura*. Buenos Aires: CALAMBUR, 2002.

ALEXANDER, Loveday. *The Preface to Luke's Gospel – Literary Convention and Social Context in Luke 1.1-4 and Acts 1.1*. Cambridge/New York/Melbourne/Madrid/Cape Town/Singapore/São Paulo: Cambridge University Press, 2005.

FOUCAULT, Michel. *O que é um Autor?* Lisboa: Veja, 1992.

FRENKEL, Diana. *Uma Visión Del Egipto Ptolomaico Según La Carta de Aristeas Filocrates*. Disponível em <http://www.scielo.org.ar>. Acessado em 05/12/2008.

HADAS, Moses. *Aristeas to Philocrates*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2007.

HONIGMAN, Sylvie. *The Septuagint and Homeric Scholarship in Alexandria – A Study in the Narrative for the Letters of Aristeas*. London: ROUTLEDGE, 2003.

⁴⁰ Sacerdote egípcio do século III a.E.C., que escreveu em grego sua obra principal chamada *Aegyptiaca*.

⁴¹ Historiador e filósofo cético grego do século IV a.E.C, conhecido apenas através de excertos na obra *Bibliotheca Historica* de Diodorus Siculus.

⁴² Retórico grego que viveu mais ou menos no ano de 70 a.E.C., preservado apenas pela obra de Flávio Josefo, *Contra Apião* e *Preparatio Evangélica* de Eusébio de Cesarea.

⁴³ Historiador grego do século I a.E.C., cuja principal obra é *Bibliotheca Historica*.

- JELlicoe, Sidney. *St. Luke and the Letter of Aristeas*. In: *Journal of Biblical Literature*. Atlanta: Society of Biblical Literature, jun. 1961. Volume 80, nº2.
- KENNEDY, George. *La Retórica Clásica y su Tradición Cristiana y Secular, desde la Antigüedad hasta Nuestros Días*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2003.
- LACAPRA, Dominick. *Repensar la historia intelectual y leer textos*. In: PALTÍ, Elias José. *“Giro Lingüístico” e historia intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmas, 1998.
- PÓRTULAS, Jaime. *La Carta de Aristeas*. In: *Revista de Historia de La Traducción*. Barcelona: Departamento de Filología Griega de La Universidad de Barcelona, 2007.
- REBOUL, Oliver. *Introdução a Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROST, L. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudopígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Quram*. São Paulo: Paulinas, 1980
- WHITE, Hayden. *Meta-História – A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- _____. *Trópicos do Discurso – Ensaio sobre a crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997.